

Bancos estão prontos para emprestar

Washington (do Correspondente) — A Argentina, o Equador e o México estão numa verdadeira corrida para ver qual deles será o primeiro beneficiário do chamado Plano Baker, montado pelo governo norte-americano em cooperação com os bancos, com o objetivo de aliviar a pressão financeira sobre os países devedores do Terceiro Mundo.

Os bancos só estão à espera de um país que se adapte aos requerimentos do plano para começar a emprestar dinheiro novo, informou ontem uma alta fonte financeira desta capital. Ao todo, serão despejados 47 bilhões de dólares nos próximos três anos para financiar planos estruturais nos países endividados, ou seja, promover reformas profundas na economia — 27 bilhões serão emprestados através do Banco Mundial e a outra metade será provida pelos bancos particulares.

Os países que desejarem se candidatar a receber estes empréstimos terão de se conformar, de saída, a fazer um acordo com o Fundo Monetário Internacional — requisito não escrito mas indispensável para que os dólares comecem a fluir para as suas contas. Contrariamente ao esquema tradicional de emprestar dinheiro para financiar projetos específicos como hidrelétricos, estradas ou pontes, os empréstimos estruturais — como estão sendo chamados — servirão para dar apoio aos papéis que desejem efetivamente realizar uma modificação estrutural em suas economias.

Dessa forma, o enquadramento do Brasil será mais difícil e exigirá negociações mais delicadas com o governo

norte-americano, bancos e Banco Mundial, uma vez que o atual governo não cogita de fazer qualquer acordo formal com o Fundo Monetário Internacional.

Os banqueiros que, a princípio, se mostraram descontentes com a aparente timidez do Plano Baker — muita conversa e pouco dinheiro no dizer de um deles — estão reanimados. O Banco Mundial emprestará, nos próximos três anos, 27 bilhões de dólares — em vez de 18 bilhões previstos — e os bancos privados se encarregarão de colocar mais 20 bilhões de dólares nas veias debilitadas dos países devedores.

O fato de o presidente do Banco Mundial, Alden Clausen, e do presidente do Federal Reserve, Paul Volcker, terem ido à Argentina conversar sobre as perspectivas econômicas é o maior indicador de que Buenos Aires poderá ser o primeiro destino para os dólares do Plano Baker. O Equador está com entendimentos bastante avançados, mas é pena que não seja um exemplo tão marcante para o funcionamento do plano de resgate, comentou um banqueiro. As autoridades mexicanas igualmente estão intensificando seus entendimentos com Washington para ver se conseguem, ainda no primeiro semestre do próximo ano, receber algum auxílio. Fustigados pelo peso da dívida externa, com a queda nos preços do petróleo, com um terremoto que destruiu uma parte importante de sua capital, o México se vê confrontado com uma difícil situação e está lançando mão de suas reservas monetárias.